

****Capítulo 1: O Desaparecimento****

A noite caía densa e fria na floresta. O vento sussurrava entre as árvores, enquanto a lua, encoberta por nuvens escuras, deixava apenas um fino rastro de luz para guiar os passos dos quatro amigos. Lucas, Ana, Pedro e Milson haviam se aventurado além dos limites conhecidos, e agora, não sabiam como voltar.

“Eu disse que era melhor voltarmos antes do anoitecer”, resmungou Ana, enquanto abraçava a si mesma tentando afastar o frio que penetrava sua jaqueta. Ela olhou para Lucas, que segurava o mapa amassado nas mãos, sua expressão frustrada iluminada apenas pela lanterna

fraca que ele mantinha erguida.

“Relaxa, Ana, a gente vai achar o caminho de volta”, respondeu Lucas, tentando soar mais confiante do que realmente se sentia. O mapa, que antes parecia um guia claro, agora parecia apenas um emaranhado de linhas sem sentido.

Pedro, sempre o otimista do grupo, tentou acalmar os ânimos. “Isso é só uma aventura a mais, galera. Vamos lembrar dessa noite quando estivermos de volta na cidade, rindo disso tudo!” Ele forçou um sorriso, mas mesmo ele não conseguia ignorar o desconforto crescente no ar. Havia algo naquela floresta que os observava, ou pelo menos, era essa a sensação que todos compartilhavam em silêncio.

Milson, que até então mantinha-se calado, parou de repente, seus olhos fixos em algo que os outros não conseguiam ver. “Vocês ouviram isso?” sussurrou ele, virando-se lentamente para o grupo. Sua voz carregava um tom de urgência que os fez se calarem instantaneamente.

Os quatro ficaram em silêncio, tentando captar qualquer som além do farfalhar das folhas. Um barulho leve, como um galho sendo quebrado, ecoou ao longe. Lucas girou a lanterna na direção do som, mas a luz revelava apenas a escuridão entre as árvores.

“Provavelmente um animal, Milson. Não precisa se assustar por tão pouco,” disse Pedro, tentando manter o tom descontraído, mas sua voz falhou um pouco no final. Todos sabiam que ele

estava mentindo. Havia algo diferente naquela noite, algo que não se explicava com a lógica.

Ana segurou o braço de Milson, que continuava tenso, e olhou para os olhos dos amigos. “Acho melhor a gente ficar juntos. Se separarmos, vai ser mais difícil... seja lá o que for que estamos sentindo.”

Lucas concordou com um aceno e puxou o mapa mais para perto do rosto, como se esperasse que, de repente, as linhas se reorganizassem e revelassem uma saída. Mas então, a lanterna piscou e apagou por um instante, mergulhando todos na escuridão total. Ouviram uma respiração pesada, mas não conseguiram identificar de onde vinha.

“Lucas, liga isso logo!” implorou Ana, com a voz trêmula.

Quando a luz voltou, algo estava diferente. O ar parecia mais pesado, e um sussurro estranho percorreu as árvores, como se a própria floresta falasse. Lucas deu um passo para trás, tropeçando em uma raiz e quase derrubando a lanterna novamente. Os olhos de Milson estavam fixos em algo à frente, mas ele não dizia uma palavra.

Pedro olhou na mesma direção e sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Ali, entre as sombras das árvores, uma figura encapuzada os observava, imóvel. Ana soltou um grito abafado ao perceber que não estavam sozinhos.

Lucas finalmente encontrou sua voz:
“Corram!”

****Capítulo 2: A Sombra que Vigia****

Os quatro amigos correram pela floresta sem olhar para trás. O som dos passos apressados era abafado pelas folhas secas, e o eco de galhos quebrando parecia vir de todos os lados. A figura encapuzada continuava em suas mentes, como uma ameaça constante que não conseguiam esquecer.

Ana tropeçou em uma pedra e caiu, arranhando o joelho. Pedro imediatamente parou para ajudá-la, enquanto Lucas e Milson tentavam manter a lanterna acesa.

“Aguenta firme, Ana, a gente vai sair daqui!”, disse Pedro, com um tom de urgência.

Ana, com os olhos cheios de lágrimas e o joelho latejando, tentou se levantar. “Eu... eu estou bem. Precisamos seguir em frente antes que aquilo nos alcance.”

Milson olhou ao redor, tentando encontrar qualquer sinal de que estavam a salvo, mas o que viu foi algo que o fez perder a cor no rosto. A figura encapuzada estava novamente parada entre as árvores, a poucos metros de distância, observando-os sem se mover. A sombra parecia fundir-se com a escuridão ao seu redor, e seus contornos se desfaziam em meio às árvores, como se fosse parte da própria floresta.

“Lucas... olha ali,” murmurou Milson, apontando com o dedo trêmulo.

Lucas girou a lanterna na direção indicada, mas a luz apenas revelou as árvores balançando ao vento. A figura havia desaparecido mais uma vez. “Você... você viu isso? Não pode ser só a nossa imaginação!”, disse ele, respirando com dificuldade.

“Eu vi também,” afirmou Pedro, ajudando Ana a se apoiar em seu ombro.

“Precisamos encontrar um lugar seguro. Talvez uma caverna ou uma cabana abandonada.”

Lucas olhou para o mapa mais uma vez, agora quase rasgando o papel em suas mãos de tanto tentar encontrar um ponto de referência. “Deveria ter uma clareira ao

norte, mas com essa escuridão, não tenho certeza se estamos no caminho certo.”

Eles seguiram em frente, mas o clima ao redor parecia mais denso, como se a floresta estivesse viva e conspirando contra eles. A cada passo, sentiam-se observados. E os sussurros, que antes pareciam vir do vento, tornaram-se mais claros, quase como se vozes longínquas tentassem comunicar algo.

Milson, que sempre fora o mais racional do grupo, agora não conseguia explicar o que estava acontecendo. Ele sussurrou para Lucas enquanto caminhavam: “Não faz sentido... não pode ser real... mas eu sinto que não estamos sozinhos aqui.”

****Capítulo 3: A Clareira Sombria****

Depois de caminhar por mais alguns minutos, os amigos finalmente chegaram a uma clareira. A luz da lua, que lutava para atravessar as nuvens densas, iluminava um espaço circular entre as árvores. No centro, uma antiga fogueira apagada e alguns troncos de madeira dispostos como bancos sugeriam que alguém já havia estado ali antes.

“Talvez possamos descansar aqui um pouco,” sugeriu Pedro, ajudando Ana a sentar em um dos troncos. Ele tentou acalmar sua respiração, mas o frio e a tensão não deixavam.

“Se ficarmos juntos, talvez seja mais seguro,” concordou Lucas, enquanto examinava a fogueira apagada com a